

Educação e Religião: leitura teológica da pedagogia de Paulo Freire na América Latina

José R. Lima Jardimino

Universidade Nove de Julho. São Paulo (Brasil)

E-mail: Jrjardilino@uninove.br

1. INTRODUÇÃO

Tentar abranger todo o pensamento prático-teórico freireano não é proposta desta conferência, mas sim, introduzir o leitor num dos importantes tópicos do seu pensamento: *influência do pensamento teológico em sua obra*. As idéias de Freire se localizam num tempo/espaço em que foi germinado no continente um pensamento teológico que ficou conhecido como Teologia da Libertação. É, conhecida a aproximação deste pensamento com a trilogia das pedagogias de Paulo – Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Esperança e Pedagogia da Autonomia.

Nessa perspectiva, se pode afirmar que o contexto no qual se localiza o pensamento freiriano é o da herança cristã/humanista e desenrolar histórico da vida político/social desta Pátria Grande e Ameríndia, nuestra “*Pacha Mamma*”.

2. CHAVES HERMENÊUTICAS E LEITURA TEOLÓGICA DA PEDAGOGIA FREIRIANA

Uma leitura teológica dos conceitos de Paulo Freire se tornou, por toda a América Latina, muito em voga nos anos 80. Isso se deve, possivelmente, à similaridade temática com a linguagem da Igreja latinoamericana, após o Concílio Vaticano II e as conferências episcopais de Puebla e Medellin. No outro lado, na Igreja conservadora, também proliferaram críticas duríssimas às idéias e aos conceitos de opressão/ libertação.

Para dizer da importância e da influência do religioso na obra do autor, reproduzimos suas próprias palavras em correspondência a um jovem teólogo: “Ainda que eu não seja teólogo, mas um ‘enfeitiçado’ pela teologia que marcou muitos aspectos de minha pedagogia, tenho, às vezes, a impressão de que o Terceiro Mundo pode, por isso, converter-se em uma fonte inspiradora do ressurgir teológico” (Freire, 1979, 90).

De maneira muito mais abrangente, podemos afirmar que a questão religiosa acompanha a obra de Paulo Freire desde os primeiros momentos de sua formação intelectual. É possível perceber nos seus primeiros escritos a influência marcante do humanismo cristão, recebida através dos escritos de autores como Tristão de Athayde, Jacques Maritain e Emmanuel Mounier.

Numa perspectiva cronológica, podemos perceber as orientações cristãs religiosas pelas quais Freire transita. Poderíamos dizer que nos primeiros anos, as idéias religiosas de seu trabalho foram marcadas pela corrente humanista e pelo existencialismo. Sua obra pedagógica denota, claramente, uma reação às visões de mundo que minimizavam o potencial do ser e reduziam o homem a uma coisa à mercê das entidades superiores, especialmente o Estado, nas quais o homem perde sua consciência própria.

As correntes do humanismo buscam reorientar as energias do homem para devolvê-lo ao lugar de protagonista da história. Podemos, então, perceber o direcionamento da obra de Freire para uma via mais existencialista, no qual se encaminha para afirmar que o ser definitivo não existe, pois ele é existência, e portanto, é no tempo e não fora dele que o homem se define como um ser sendo. Esse é o humanismo que ressoa em toda a obra de Freire: o valor do homem e a busca de sua libertação.

Consciente da realidade concreta em que vive o homem, Paulo Freire chega até Marx, embora sem ter nunca se tornado um marxista. Nos tempos de exílio, ele se deparou com a realidade mais dura dos poderes políticos de castração na América Latina, na qual pôde perceber a importância das ferramentas de análise do pensamento de Karl Marx, pois ao fazer um retrato das relações econômicas e dos modos de produção capitalista, Paulo percebeu a atualidade desse instrumental para seu trabalho. A partir desse encontro, que o reorientou no sentido da filosofia da práxis, Freire retratou a relação de opressor/oprimido que tornam as relações humanas em jogos de poder alienantes, estabelecendo claramente a situação de dominação entre os homens.

É esta visão de homem que tem e a procura do ‘homem novo’ que busca a libertação, que determina uma cosmovisão religiosa da sua obra, fundamentalmente embasada nos imperativos do Evangelho: esperança, amor, denúncia/anúncio [profetismo], utopia e libertação. Conforme Heinz-Peter Gerhardt: “Em Freire, o teológico sub-existe permanentemente como fonte de reflexão e ação, como compromisso e práxis”.

Assim, podemos saltar da antropologia para a pedagogia e desta para a teologização da obra de Freire. É claro que ele não é teólogo, o que fazemos é um esforço de compreendê-lo nesta perspectiva, uma vez que ele foi fortemente influenciado pela cultura cristã do nordeste brasileiro. É possível perceber que o esforço humano de buscar, pela consciência, a libertação tem um valor transcendente. A tarefa que cabe ao homem de criar e recriar o mundo só é possível numa visão cristã do Deus criador, que se fez limitado pelo ato de amor ao homem, e ao invés de realizar toda a obra, lança o desafio à criatura: A tarefa permanente de recriação do mundo.

Esse desafio pressupõe, de imediato, novas condições: a superação da alienação (que em teologia pode ser traduzido como “pecado”) e a busca ininterrupta de sua humanização/libertação. Explica Paulo Freire:

“... a primeira condição para saber ouvir e efetivamente pôr em prática a Palavra de Deus é, na minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo de libertação do homem (...) A Palavra de Deus me convida, em última análise, a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação (...) Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então, ser salvadora. Essa Palavra de Deus, enquanto salvadora, é uma Palavra libertadora que os homens têm que assumir historicamente. Os homens devem transformar-se em sujeitos de sua salvação e libertação” (Freire, 1979, 90).

Três antagonismos, que se tornaram conceitos fortes na obra do autor, são, o que chamamos chaves de interpretação da influência religiosa na obra de Paulo Freire: Opressão/Libertação; Esperança/Consciência; Denúncia/Anúncio. Considerando que toda teologia tem que, antes de tudo, ser antropologia, pois é na aproximação homem/mundo que poderemos nos aproximar de Deus, qual valor da encarnação/anúncio para a práxis cristã? Sem essa compreensão, para nada serviria a constatação do evangelista “E o Verbo

se fez carne e habitou no meio de homens”. Em primeiro lugar, está a chave de interpretação religiosa opressão/libertação.

Foi a partir da prática pedagógica que Paulo Freire viu a necessidade de teorizar sobre essas duas dimensões que percebeu e vivenciou ao longo de sua existência. Eles, pela via educacional, revelam o conteúdo humanístico religioso da obra do autor. Pôde aprofundar muito mais a compreensão religiosa dessas duas dimensões quando esteve no Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, trabalhando no setor de educação. Essa vivência possibilitou-lhe uma visão maior do processo de opressão e o comprometimento com as lutas pela libertação, principalmente no Terceiro Mundo.

Acompanhou os processos de hospedagem do opressor na pessoa do oprimido, nas culturas do sul e do norte. Em sua primeira viagem à África, relata, ao Conselho Mundial de Igrejas – CMI/WCC, essa forte relação de dominação/opressão. Em suas primeiras imagens sobre a situação na África pôde perceber a voz do colonizador depositada nos oprimidos, causando-lhes uma apatia diante de um mundo que parecia não ter condições de mudanças, produzido numa *cultura do silêncio*. Ali Paulo Freire também percebia a necessidade urgente de uma ação cultural para libertação.

Nessa sua incursão no organismo religioso, Freire chama a atenção das Igrejas latino-americanas para o compromisso com a libertação dos oprimidos, através da educação e do compromisso político, uma vez que vê, mesmo na instituição Igreja, a impossibilidade da neutralidade política. Ele ressalta que o amor ao próximo não pode ser compreendido sem essa coragem de se comprometer com o mundo e com os fracos. Se as Igrejas temem esse compromisso transformam-se, na verdade, em igrejas sem amor [portanto anti-Igreja], pois o contrário de amor não é o ódio, mas o medo de amar, que em suma é o medo de ser livre. E acrescenta “*A maior e única prova de amor verdadeiro que os oprimidos podem dar aos opressores é retirar-lhes, radicalmente, as condições objetivas que lhes conferem o poder de oprimir... somente assim os que oprimem podem se humanizar. E esta tarefa amorosa, que é política, revolucionária, pertence aos oprimidos. Os oprimidos na verdade se transformam em educadores. Os opressores, enquanto classe que oprime, jamais libertam e jamais se libertam. Só a debilidade dos oprimidos é suficientemente forte para fazê-lo*” (Op. Cit. p. 91).

A opressão/libertação é pois uma chave de interpretação da perspectiva teológica/religiosa da obra de Freire. Foi, a partir dessa análise que o teólogo Enrique Dussel lhe conferiu a paternidade do novo pensamento latino-americano. Outros importantes teólogos, católicos e protestantes se debruçaram em sua obra para analisar o teor teológico de seus escritos. Dentre eles destacam-se, Rubem A. Alves, Juan Luis Segundo e Leonardo Boff.

A segunda chave de leitura teológico/religiosa da obra de Freire vem da relação entre duas palavras de grande valor simbólico para a Religião e Política: Esperança e Consciência. A primeira tem em muitos teólogos a fonte de suas obras. Paulo Freire leu e se inspirou muito em Jürgen Moltmann, que elegeu a Esperança como fundamento do seu discurso teológico. A segunda foi fortemente influenciada pela leitura de Marx. Freire chegou mesmo, a abandonar, em alguns momentos, o uso dessa expressão-força, porém sem jamais deixá-la de encarnar em sua obra. Explicou sobre a renúncia de dizer essa palavra ao seu amigo e intérprete de sua obra, Carlos Alberto Torres, dizendo:

“Você me indaga sobre o ter deixado de fazer referências diretas à palavra ‘conscientização’. É verdade, a última vez em que me estendi sobre o tema foi em 1974 –já fazia quatro anos ou menos que eu não a usava– num seminário no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, com Ivan Illich, em que ele retomou o conceito de ‘desescolarização’ e eu o de conscientização. Naturalmente, contudo, ao não usar a palavra, não recusei seu significado. Como educador portanto, como político, estive sempre envolvido com a compreensão mais profunda do conceito nas minhas atividades prático-teóricas. Tive inclusive, razões, para desusar a palavra. Nos anos 70 com exceções, é claro, falava-se ou se escrevia de conscientização como se fosse ela uma pílula mágica a ser aplicada em doses diferentes com vistas à mudança do mundo. Mil pílulas para um patrão reacionário. Dez para um líder sindical autoritário. Cinquenta pílulas para um intelectual cuja prática contradiz o discurso etc. Me pareceu àquela época, e sobre isso conversei com Elza, que, de um lado eu deveria de uma vez deixar de usar a palavra, de outro, procurar, em entrevistas, em seminários, em ensaios – o que fiz realmente – aclarar melhor o que pretendia com o processo conscientizador, no sentido de diminuir os riscos abertos às interpretações idealistas, tão funestas quanto as objetivistas mecanicistas” (Freire, 1991, p. 113-114)

Para o autor, esses termos não trazem contradição, pois no conceito de esperança é possível entender o de conscientização. Para compreender e transformar o mundo, o homem necessita de tomar consciência de sua historicidade, uma vez que ele não apenas está no mundo, mas nele e com ele, nas relações com e na realidade pela qual se possibilita o ato de conhecer. Nesta perspectiva, conscientizar é desocultar as verdades ideológicas escondidas para que a partir da reflexão crítica do mundo, das coisas e dos seres, possa realizar sua condição humana. Já no início de sua obra, em *Educação como Prática da Liberdade*, Paulo Freire procura fazer uma distinção entre consciência crítica, consciência ingênua e consciência mágica, para fugir do senso comum que por ventura o termo pudesse conter. Explica que consciência ingênua é a simples apreensão humana dos dados da realidade e seus ‘nexos causais’. Apreende-se o fenômeno na sua estatização como algo absoluto e estabelecido.

Na consciência crítica, a realidade é problematizada, pois a causalidade dos fenômenos está em constante análise, denotando a dinamicidade e transformação do mundo e das coisas. Nesse tipo de consciência, os fenômenos são estudados dentro do marco da temporalidade, sem jamais transcendê-la. E, por fim, a consciência mágica coloca o homem acima da realidade fenomenal, julga poder compreender o mundo com poderes superiores.

A palavra conscientização foi também uma chave de interpretação teológica da obra do autor, a partir dos enunciados da chamada “Teologia da Libertação”, que exaustivamente empregou o tema-palavra. A religião, que por natureza esteve sempre ligada aos conteúdos transcendentais, se aproxima do homem-mundo para participar de um processo de conscientização de sua historicidade. Para isso, re-interpreta o livro sagrado e coloca muitas questões caras à tradição bíblico-teológica da Igreja estabelecida. Diversos educadores do povo e religiosos se inspiraram na pedagogia freiriana e em seus conceitos para afirmar que conscientização mundaniza a Igreja para torná-la *nova* Igreja a caminho da libertação, portanto preche de esperança e de amor pelo homem. Esperança, portanto, é o caminhar consciente da prática, na trilha de humanização do ser. Igreja, por sua vez, é povo de Deus que caminha em busca de libertação.

Essa esperança moveu as massas na América Latina e a Pedagogia de Freire. Seus conceitos-chaves foram se tornando palavras também teológicas em muitos lugares. Dizia Freire:

“... devemos nos transformar em descobridores de novas possibilidades e, em tempo, torná-las concretamente reais (...) Uma teologia em que a esperança fosse uma espera sem busca seria profundamente alienante porque estaria considerando o homem como alguém que tenha renunciado a sua práxis no mundo; negaria o homem como ser de transformação e negaria ainda a própria salvação como busca na conversão. A salvação deve ser trabalhada para ser esperada. A esperança de caráter fatalista, em que nada faço no mundo exceto esperar que o que existe além dele seja puro, justo e bom, leva-nos a uma espera inativa e, por isso mesmo falsa. Esta espera nos leva à acomodação, ao status quo e encerra um equívoco fatal: a dicotomia absurda entre mundanidade e transcendência” (Freire, 1979, 89).

Esta voz de Paulo representa uma chave de interpretação de sua obra a partir do religioso. É um lugar quase que teologal. Por fim, vem a concepção de anúncio/denúncia que, em última instância, representa a discussão entre ação e reflexão, entre teoria e prática que permeia a obra de Paulo. Todavia esses conceitos são carregados de significação religiosa e/ou teológica, e a eles muitos recorreram. Freire usou-os numa perspectiva teológico-religiosa. Freire é consciente de que, colaborando com a pronúncia da palavra, o homem não só pronuncia a Palavra-Mundo, mas também reconhece o criador. Neste particular, entendeu a relação entre anúncio/denúncia como unidade indissociável, pois ao denunciar as estruturas que o desumaniza o homem, busca anunciar a sua possibilidade de ser mais no palco da história, ou seja, luta em esperança para chegar à plena humanidade dele e de seus semelhantes. Nesta perspectiva, eles se tornam “profetas” e poderão pronunciar uma palavra autêntica de esperança.

São por esses aspectos que podemos perceber um discurso da tradição religiosa judaíco-cristã na obra do autor em pauta e o seu compromisso com uma Igreja profética e inserida no mundo, que sabe decifrar os sinais dos tempos de sua mundanização e a partir deles gestar um novo mundo. Essa será uma Igreja profética na perspectiva freiriana e na perspectiva da teologia latino-americana. Escreveu Paulo que a igreja se perde ao privar-se da sua visão profética, a sua tendência é formalizar-se na ritualização burocrática em que a esperança, sem relação com o futuro, é mera abstração alienada e alienante. Em lugar de ser um estímulo ao caminhante é um convite à estabilidade. No fundo, esta é uma igreja que se proíbe de se fazer a Páscoa de que fala. É uma Igreja ‘morrendo de frio’, sem condições de

responder aos anseios de sua época e não pode experimentar a unidade denúncia/anúncio. Denúncia de uma realidade injusta *enfeitada* pela opressão do mundo, nem tampouco percebe a urgência de meio à *feiura* do mundo, trabalhar anunciando uma realidade a ser criada como ruptura e transformação total da anterior.

Assim, podemos perceber que as unidades denúncia/anúncio e ação/reflexão na obra de Paulo Freire estão fartamente marcadas pela visão de mundo religioso e na mais radical tradição bíblico-teológica do Antigo Testamento.

É claro, como já afirmamos acima, não podemos, ingenuamente, dizer que Freire fez teologia, muito embora alguns críticos de sua obra tenham afirmado isso. Nem nos é permitido fazer confusão entre as esferas da teologia e da pedagogia, a exemplo da crítica de Edmundo Caffarema, em artigo publicado em 23/08/1975, no jornal argentino *La Capital*, publicado em Rosário. Paulo Freire foi, mas acima de tudo, um homem marcado por sua cultura e sua existência, por isso mesmo, nada mais normal que se envolvesse nas décadas de 70 e 80, com a efervescente discussão e debate do religioso na América Latina, sob a égide da Teologia da Libertação, de versão católica e protestante. Retoma a análise sobre a temática da unidade denúncia/anúncio na concepção do profetismo bíblico-teológico, que influenciou a Teologia da Libertação e suas análises sobre a Igreja na América Latina. Sobre essa tradição teológica a respeito do profetismo, nos serviremos das idéias de iminentes teólogos para percebermos qual era a concepção de Profeta que Paulo Freire reclamava como militante da palavra denúncia/anúncio. O mais importante deles é teólogo Alemão Gerhard Von Rad que, no seu livro *Teologia do Antigo Testamento*, nos mostra como os estudos acadêmicos sobre o fenômeno do profetismo trazem novas luzes para tirar o termo profeta de uma visão mística que acompanhou a Igreja Cristã e a Teologia até o século XIX.

Começando pela questão da significação do termo nas traduções pelas quais passou o livro sagrado, Von Rad afirma que as generalizações dos vocabulários sobre a palavra ‘profeta’ têm dado uma visão distorcida do termo na língua de origem – o hebraico. Embora os termos [*nâbi=profeta; hozéh=vidente; re’éh=profeta e vidente*] tenham sido simplesmente traduzidos por profeta, cada um deles tem uma conotação própria para atividades de homens religiosos na tradição hebraica. Eles, a seu turno, foram considerados como sinônimos. Todavia, somente a palavra *nâbi* tem raiz num verbo que significa

chamar, proclamar – poderíamos traduzir como “anunciar”. Segundo Von Rad, alguns textos da tradição se refere a um tipo de ‘nâbi’ diferente, profetas que não são somente homens que se tornam objetos e receptáculos inertes do Espírito Divino, mas intérpretes de sua mensagem, um homem encarregado de uma mensagem e que a comunica publicamente. É, pois, um homem consciente de sua história que está inserido com e na realidade. Aqui, a tradição pode nos levar a afirmar que o profeta é um homem do seu tempo, influenciado pelas experiências do cotidiano. Parece que Freire, embora não tenha estudado teologia, foi marcado por essa tradição teológica, nos anos em que conviveu com teólogos do mundo inteiro, no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. Atente-se para essas palavras de Freire na linha do discurso teológico:

“... a primeira condição para saber ouvir e efetivamente pôr em prática a Palavra de Deus é, em minha opinião, estar genuinamente disposto a se comprometer no processo de libertação do homem (...) A palavra de Deus me convida, em última análise a re-criar o mundo, não para a dominação de meus irmãos, mas para sua libertação (...) Isso significa que ouvir a Palavra de Deus não é um ato passivo, nem um ato em que somos recipientes vazios a serem preenchidos por essa palavra que não poderia, então ser salvadora. Essa palavra de Deus enquanto salvadora é libertadora que os homens têm que assumir historicamente” (Op. Cit., 90).

Dessa forma para o educador Paulo Freire, o profeta não representa aquele que recebe e anuncia uma palavra ao mundo apenas, mas aquele que consciente de sua historicidade e do cotidiano de seu povo, denuncia os sistemas opressivos, como fizeram os profetas, e anunciam em esperança um novo tempo, o tempo da libertação. São profetas (nâbi e ro’êh) os homens capazes de denunciar, porém sem jamais perder a visão de um mundo novo – um vidente, naturalmente longe da conotação que o termo tem hoje. Vidente como um homem capaz de vislumbrar um novo dia e por ele se colocar em marcha junto com os seus na sua construção. A visão de profeta em Freire está radicalmente ligada à denúncia [proclamação da Palavra-Mundo] que esclarece as condições desumanizantes do ser, e anúncio (Ação-no-Mundo) para transformar a realidade que esperamos. O ‘profeta’ é esse misto de consciência real (denunciador= nâbi) e luta utópica para a realização do homem e mundo novo (anunciador= ro’êh).

Essas chaves de interpretação teológica da obra de Freire não a minimizam na sua estrutura teórico-prática e pedagógica e filosófica no que pese a resistência no Brasil em relação o trabalho do teólogo, quando na Europa, onde Freire viveu muitos anos de exílio, a Teologia faz parte da academia. Para concluir e fundamentar esse viés na obra do autor, concluo com suas próprias palavras: “*Ainda que eu não seja teólogo, alinho-me com os que consideram que a teologia tem uma importante função a desempenhar. ... Mas, estou convencido de que ao aceitar a posição revolucionária que defende cientificamente a transformação ao mesmo tempo, do homem e da realidade, sigo o verdadeiro caminho cristão*” (*Terceiro Mundo e Teologia: carta a um jovem teólogo*.passim).

BIBLIOGRAFÍA

CONSEIL OECUMÉNIQUE DES EGLISES: *Impressions de Paulo Freire sur son voyage en Afrique*. Rapport

du Bureau de l'Education du Conseil Oecuménique des Eglises. Genève, s/d.

FREIRE, P. (1967): *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz a Terra.

— (1978) *Os cristãos e a libertação dos oprimidos*. Lisboa/ Portugal: Edições BASE.

— (1973) Teología negra y teología de la liberación. Prefácio à edição Argentina da obra de James H. Cone,

A black theology of liberation. Buenos Aires: Editorial Carlos Lolhe,

— (s/d) *Las iglesias, la educación y proceso de liberación humana en la historia*, Buenos Aires (Argentina):

Asociación Editorial La Aura.

— (1991): *A educação na cidade*. São Paulo: Ed. Cortez.

JOSÉ R. LIMA JARDILINO 680

— (1992) *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz a

Terra.

— (1979) *Terceiro Mundo e Teologia: Carta a um jovem teólogo*. In: TORRES, C. A. (1979) (org). *Consciência*

e História: A Práxis educativa de Paulo Freire. São Paulo: Ed. Loyola.

JARDILINO, J. R. L. (2000): *Paulo Freire: retalhos biobibliográficos.* São Paulo: Edições Pulsar.

TORRES, C. A. (1979): *Consciência e história: a prática educativa de Paulo Freire.* São Paulo: Loyola.

VON RAD, G. (1980): *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Editorial ASTE.

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: LEITURA TEOLÓGICA DA PEGAGOGIA DE PAULO FREIRE NA AMÉRICA LATINA 681